

## CALIBANAÍMA: CALIBAN, MACUNAÍMA, CALABAR

MANHAES MONTEIRO, Francisco César (UFRJ)

“Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou”.  
(Mário de Andrade, *Obras Completas*, 1987, p. 59).

### 1 Identidade caribenha de Caliban

A relação de Cuba e Caliban é bem ilustrativa. Segundo a interpretação mais prestigiada, o Caribe, as Antilhas e, mais especificamente, a ilha de Cuba, são a região do Novo Mundo que inspirou a ilha de Utopia de Thomas Morus.

A fonte seriam os relatos entre reais e fabulosos de um dos aventureiros que acompanhavam o italiano Américo Vespúcio. A ilha de *A tempestade* de William Shakespeare também ficaria na mesma região indefinida, que não seria a Europa do milanês Próspero, nem a África de Sycorax, a bruxa, mãe de Caliban. O nome deste, por sua vez, vem de canibal, corruptela do etnônimo caribe ou karib, a tribo de índios de pele escura e hábitos ferozes que emprestaram seu nome ao Mar Caribe.

No século XIX e começo do século XX, os caribenhos gostavam de se identificar como descendentes dos pacíficos índios tainos, que eram inimigos e fontes de proteína da dieta dos caribes canibais. Não havia razões genéticas e históricas para isso: os tainos foram extintos pouco depois da chegada dos europeus, por massacres e doenças. Os cubanos e porto-riquenhos criaram o seu próprio indigenismo literário um pouco como fizeram os romancistas e poetas do romantismo brasileiro com seus peris, cecis, iracemas e caubis, que foram sobretudo construções literárias inspiradas em tribos há muito extintas ou nunca vistas fora dos livros e gravuras depois do século XVI. Valorizava-se o elemento ameríndio longínquo ou inexistente para melhor renegar o elemento negro, onipresente na realidade próxima e inaproveitável na construção de uma nacionalidade idealizada pela intelectualidade branca.

O pianista afrocubano Jesús (Chucho) Valdés explica em um documentário recente que os cubanos sabem distinguir entre elementos folclóricos e tradicionais. Para Chucho, os primeiros são africanos puros, enquanto os elementos tradicionais são mestiços ou mulatos. Nisso ele ecoa o poeta nacional cubano Nicolás Guillén, figura máxima do chamado negrismo poético, que dizia que ele e sua poesia eram mais propriamente mulatos que negros. Acrescentava que o movimento

negrista tinha uma origem cosmopolita; de fato, havia chegado diretamente do Quartier Latin, na onda da exploração estética do negro e da África, do primitivo e exótico, que se seguira à Primeira Guerra Mundial e a subsequente crise da cultura europeia.

### Macunaíma e Caliban

Macunaíma e Caliban são primos não tão distantes em sua origem. Caliban é o anagrama de “canibal”, que, por sua vez, é uma corruptela de caribe ou karib, a etnia que deu nome à região do Caribe, rivais e inimigos dos tupi-guaranis e tainos e adversários ferozes dos europeus.

Os caribes distinguiram-se pela pele mais escura que a de outros ameríndios e pelos hábitos ferozes que lhes deram a fama de canibais por antonomásia. Foram parar nos *Ensaio*s de Montaigne como exemplos da selvageria das tribos do Novo Mundo e daí chegaram a Shakespeare, na peça *A tempestade*, pela tradução para o inglês de John Florio. Hoje se sabe que a peça foi escrita em colaboração com John Fletcher, o que talvez explique certos elementos de carpintaria literária menos típicos da obra de Shakespeare. Florio e Montaigne já seriam por direito próprio excelentes objetos de estudo destas questões de alteridade; Montaigne foi educado em latim e o francês era para ele uma língua estrangeira; John ou Giovanni Florio viveu entre o italiano familiar e o inglês. Especulasse que a *dark lady* dos célebres sonetos de Shakespeare seriam dedicados à esposa de Florio; se isto é especulativo, é quase certo que tradutor e dramaturgo se conheciam e interagiam na periferia da corte elisabetana.

Já o Makunaima original foi registrado no livro *Vom Roroima zum Orinoco* (Do Roraima ao Orenoco) do antropólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, publicado em cinco volumes, a partir de 1916. Era o deus herói de uma tribo caribe da Venezuela, um *Stammeshero*, para Koch-Grünberg, o que Mário traduziu apropriadamente como “herói da sua tribo”. Tanto Caliban quanto Macunaíma, portanto, baseiam-se, na sua origem literária, nos índios-negros caribes.

### Do *Secondary Character* ao Herói sem nenhum caráter

Ocorreu uma forte translação de gosto e perspectiva literária entre os séculos XVII e XX. O Caliban de *A tempestade* de William Shakespeare era um personagem secundário na peça; era indigno de libertação e suas características inatas o inabilitavam para os bons sentimentos. Mais do que invisibilizado, era magicamente invisível dentro da obra. Como o Sancho Panza no *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, Caliban havia absorvido a linguagem do senhor para confundir-lo e manipulá-lo, uma versão ainda rudimentar da dialética do senhor e do escravo de Hegel, mas sem a redenção e ascensão que o personagem cervantino conquistou na segunda parte do *Quixote*. De fato, a libertação de Caliban é explicitamente negada por Próspero.

Ainda no começo do século XX, o escritor uruguaio José Enrique Rodó (Montevideu, 1872 - Palermo, 1917) ainda preferia o subserviente e leal Ariel como símbolo positivo da superioridade da América Latina sobre o mercantilismo espiritualmente pobre da América do Norte, que Rodó associava a Caliban. Só com os escritores do campo político mais à esquerda, Caliban passaria a ser associado, positivamente, ao índio e ao negro, o migrante nu de que falaria Édouard Glissant (GLIS-

SANT, 2005). Esta nova perspectiva teve seu auge com o *Caliban* de Roberto Retamar. Nesse ensaio, Caliban representava a América Latina em geral, e os seus discriminados em particular. Numa das camadas de leitura, representava a própria Revolução Cubana, tal como Retamar a defendia.

Esta translação da leitura do Caliban como personagem acompanhou a sorte de outros personagens híbridos ou ambíguos na literatura mundial. Da época de Shakespeare até a revolução do vanguardismo, os personagens insólitos passaram de vilões de segundo plano a anti-heróis protagônicos. Os “heróis da nossa gente”, mas sem nenhum caráter, como Macunaíma no dizer de Mário de Andrade, dominaram o século XX literário.

## Apocalípticos e integrados

Próspero, Ariel e Caliban de *A tempestade* de Shakespeare foram contemporâneos de dom Quixote e Sancho Pança de Cervantes e há características comuns que podem ser mais do que apenas reflexos do período histórico e literário compartilhado. Se os personagens desta peça específica são monolíticos e superlativos, seres mágicos e irrealistas, uma exceção em Shakespeare, mas como em *Sonhos de uma noite de verão*, os cervantinos Quixote e Sancho são mais realistas; transitam entre papéis e até mesmo trocam de funções algumas vezes. No entanto, as transições e aculturações de Sancho são simulacros conscientes e evidentes para manipular e se acomodar ao comportamento excêntrico do amo Quixote. E as posições do cavaleiro andante, entre a realidade e a ficção, são tratadas como sintomas da loucura literária. Diga-se que outros personagens mais complexos de Shakespeare, como Hamlet da peça homônima e o Gloucester de *Ricardo III*, também transitam entre a sensatez e a loucura. A provável existência de uma peça hoje perdida de Shakespeare inspirada no personagem Cardenio, tirado diretamente do texto de Cervantes, mostra que o inglês não ignorava a obra de Cervantes e acentua os pontos de contato entre os dois autores. Cardenio, na obra de Cervantes, é um êmulo da loucura literária do Quixote; invertendo-se as precedências, borgianamente, também tem algo de hamletiano. Já Caliban, como Sancho, aprende a linguagem do amo, mas ainda mais explicitamente para amaldiçoá-lo: “Você me ensinou a linguagem e meu proveito nisto é que agora sei praguejar. Que a peste escarlata o contamine por me ensinar sua língua!”.

## Visões de mundo

A visão do mundo da Inglaterra elisabetana, que mal começava a se tornar uma potência marítima, está implícita na peça: o Novo Mundo é tratado como uma tábula rasa; os estrangeiros são como Caliban que é mouro, negro ou índio, o Outro, uma categoria vaga de gente de pele escura, cuja escravização é necessária e didática; Ariel (um nome bom semita: luz ou leão de Deus em hebraico) é um mercenário apátrida, fiel e correto, mas interesseiro. Os demais personagens são europeus e mesmo os vilões têm características positivas ou ambíguas, portanto, humanas, que permitem sua redenção final, ao contrário de Caliban.

Já o romance *Macunaíma* de Mário de Andrade (ANDRADE, 1990), por sua vez é uma obra paradigmática e programática do modernismo brasileiro. Seu personagem título é uma representação ficcional das ideias de Mário sobre o caráter do brasileiro. Na verdade, mais do que uma falta de caráter, o que se revela na obra é o aspecto combinatório e reversível do brasileiro. Ou do hispano-americano, como se depreende:

Macunaíma se desculpou, subiu na montaria e deu uma chegadinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? Nem ele. Então o herói pegou na consciência de um hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma. (ANDRADE, 1990).

Macunaíma é sucessivamente e cumulativamente, negro, índio-negro, índio e branco. Também acumula e alterna aquelas funções sociais Glissant (GLISSANT, 2005) menciona: o migrante nu (o índio e o negro), o armado e o colonizador.

## O Espelho de Próspero

Poucas regiões do mundo tiveram tanta produção narrativa e discursiva sobre a hibridez e a alteridade quanto a região do mar do Caribe. Aimé Cesáire, Vidiadhar Surajprasad Naipaul Derek Walcott, Stuart Hall, Frantz Fanon, Roberto Retamar, para citar uns poucos, vieram dali.

O escritor, poeta e ensaísta Édouard Glissant (Sainte-Marie, Martinica, 1928; Paris, 2011) desenvolveu ali o seu conceito de poética da diversidade. A divisão que ele propôs entre o Imigrante Armado, o Imigrante Colonizador e o Imigrante Nu, correspondem sugestivamente com a divisão social e política da ilha ficcional onde se passam as cenas de *A tempestade* de William Shakespeare e seus personagens Ariel, Próspero e Caliban, embora Glissant em nenhum momento mencione diretamente a peça inglesa.

Em *A tempestade* (Shakespeare, 2001), Ariel é violento, mas justo e disciplinado; Próspero é um herói civilizador, representante da civilização superior; o terceiro, Caliban, é despido de quaisquer qualidades positivas, digno apenas de obedecer à força ao poder civilizador de Próspero, instado pelo poder armado e intermediador de Ariel. Caliban não é digno sequer de ser recompensado com a liberdade ao fim de seus trabalhos. Ariel é belo, atributo que divide com seu mestre Próspero, a filha deste Miranda e seu pretendente Fernando, mas só é visível para seu mestre. Sua beleza é implícita, não precisa da visão do outro para se realizar ou só se realiza aos olhos do mestre. Caliban é seu exato oposto, é negro e feio, embora apenas Próspero e Ariel possam vê-lo.

Curiosamente, embora inspirado nos índios antilhanos de um dos *Ensaio*s de Montaigne, o Caliban shakespeariano é filho de Sycorax uma bruxa africana de Argel, norte da África, de olhos azuis. Portanto, Caliban é uma amálgama de gentes de pele escura e hábitos selvagens entre a África e as Antilhas.

Personagem	Representação	Origem
Próspero	Belo, sábio, poderes mágicos	Europa (Milão)
Ariel	Belo, luminoso, invisível, poderes mágicos	Apátrida
Caliban	Feio, escuro, invisível, força física	Nativo do Novo Mundo de origem africana e ameríndia
Miranda	Bela, sábia, jovem, inexperiente	Europa
Antônio	Belo, tolo, poderes políticos	Europa

Ferdinando	Belo, jovem, poderes políticos	Europa
Gonçalo	Leal justo, serviçal	Europa
Sycorax	Feia, escura, perversa, poderes mágicos	Norte da África (Argel)

Ao longo dos séculos, houve várias outras interpretações dessa tríade de personagens tão significativa. Para José Enrique Rodó, Próspero (RODÓ, 1967) representaria a civilização europeia, mas Ariel seria a civilização hispânica católica, mais preocupada com a estética do que com o pragmatismo mercantilista, característica atribuída à civilização norte-americana, representada aqui por Caliban. Era uma visão simpática da e para a elite latino-americana e isto se tornou o principal defeito da sua abordagem e o seu limite fatal. A peça e seus personagens serviam apenas de ilustração a visão política de Rodó, e esta, por sua vez, não contribuía muito para a compreensão da obra do autor inglês.

### Demônio feliz ou aculturado

No final da sua vida, o escritor e antropólogo peruano José María Arguedas declarou enfaticamente que não era um aculturado, mas um “demônio feliz” que escrevia em cristão e índio, ou seja, espanhol e quéchua (ARGUEDAS, 1974). É possível que seja a sua frase mais famosa e certamente é uma das mais famosas e fecundas. Ele era um caso muito especial, tinha origem ameríndia e ibérica, escreveu em espanhol e quéchua, foi tradutor entre seus idiomas. Defendeu que a sua identidade pessoal, peruana e latino-americana não se tratava apenas de uma acumulação de identidades e culturas, uma aculturação, como dizia, mas uma interação ou hibridismo.

Caliban, o personagem da peça, ainda era de uma época em que era inviável ser um demônio feliz, sendo, literalmente um demônio híbrido.

Não é o caso de estender aqui a análise, mas a abordagem de Édouard Glissant também se revela frutífera para a interpretação de outras obras cujo tema toca a questão identitária. Uma delas, bastante óbvia, é *Calabar: o elogio da traição* (HOLLANDA e GUERRA, 1993), cujo anti-herói também transita entre identidades étnicas e funções na engrenagem social. De fato, temos retratado na peça o maior exemplo do mito do herói civilizador, Maurício de Nassau, e toda uma complexa rede de relações que revelam o proveito que Francisco Buarque de Hollanda tirou das obras de Sérgio Buarque de Hollanda. Outras obras que poderiam ser abordadas dentro desta linha teóricas são *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro; *Máira*, de Darcy Ribeiro, e *Quarup*, de Antônio Callado.

### Bibliografia

ANDRADE, M. D. **Poesias completas**. Itatiaia: Editora Itatiaia, 1987.

ANDRADE, M. D. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Villa Rica, 1990. Texto revisto por Telê Ancona Lopez.

ARGUEDAS, J. M. **Páginas escogidas**. Lima: Editorial Universo, 1974.

CALLADO, A. **Quarup**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.

HOLLANDA, F. B. D.; GUERRA, R. **Calabar: o elogio da traição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

MORSE, R. M. **A volta de Macluhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RIBEIRO, D. **Maíra**. Rio: Civilização Brasileira, 1979.

RODÓ, J. E. **Obras completas**. Madr: Aguilar, 1967.

## CURRÍCULO DO AUTOR

É graduado em Letras pelo Instituto de Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992) e mestre em Literatura Brasileira pela mesma universidade (1995). Atualmente cursa o doutorado em Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Hispano Americana, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia, tradução, literatura brasileira, literatura hispano-americana e literatura comparada.

E-mail: [pacodoc@gmail.com](mailto:pacodoc@gmail.com)